



# MINHA CAMINHADA

---

Notas organizadas por Arlene Renk

Eu, Dalci Luiz Manica, nasci em Arroio do Meio, Rio Grande do Sul, e aos seis meses transferimos mudança para Linha Salvação, Distrito de Relvado, Município de Encantado. Nasci no ano de 1937, dia 10 de junho, filho de Batista Manica e Lodovina Sangalli Manica. Quero, por meio deste [relato], recordar trechos mais importantes da minha caminhada: em prol da Reforma Igreja, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, da Cooperativa e da Saúde, na ordem política, social e progressista, desde o tempo em que me engajei na luta pela libertação da ditadura militar. Em 1964 fomos bloqueados de um trabalho que vínhamos pleiteando desde os anos de 1955, em prol da Reforma Agrária e os movimentos jovens daquele tempo.

Quero contar: sem demagogia, sem interesse pessoal, sem orgulho, sem chantagem, sem pretensão, sem convencimento e sem agradecimento.

Apenas quero mostrar a quem tiver interesse, conto de uma maneira simples, exata, patriótica e convencional, com somente minha experiência, minha faculdade de vida vivida na teoria e na prática do dia-a-dia. Religiosamente, sou agradecido a tudo que a vida levou-me a fazer, a ser, além dos meus de feitos pessoais consolidados com Cristo, pela ideologia a mim transferida humanamente pelo Cristianismo; através de suas lideranças: os padres, irmãs, leigos e pessoas de bem que comigo conviveram as principais décadas da História das mudanças religiosas, políticas, revolucionárias e radicais de um povo ignorado, explorado, massacrado e escravizado, propositalmente por um sistema superdiabólico e satânico que, ao entender os acontecimentos históricos brasileiros tomei a iniciativa de chegar até você [leitor].

Primeiro passo que me levou a começar viver para a sociedade foi um grupo de crianças, do qual fazia parte com catequese renovada para a primeira eucaristia, com o papel de catequista, na capela de Linha Salvação.

Segundo passo, fui capelão da comunidade puxando o novo método de pregar o culto dominical, que até então era o rosário que predominava e nessa época. Junto com José Zanatta, era coroinha do Padre Jerônimo Bortolotto.

Terceiro passo, atingindo idade de dezoito anos, liderava grupo de jovens, até a convocação para o Quartel, em Alegrete, no ano de 1958, no Terceiro Grupo de Artilharia Calibre 75, durante um ano. Nesse tempo, pratiquei durante três meses o armamento pesado. Depois fui escolhido secretário do almoxarifado e passei

a controlar toda a correspondência do Quartel. Ao final do compromisso militar ganhei baixa e de regresso para a família novamente passei a trabalhar com meu pai, minha mãe, pois éramos onze irmãos e irmãs e eu era o mais velho e o nosso ganhão era a agricultura.

Quarto passo foi a emancipação de minha família para a independência, pois nessa época já estava me encontrando com a jovem Lourdes Polesa, hoje minha esposa, com muito orgulho. Nessa época passei a pertencer à Comunidade de Coqueiro Baixo, onde fui reconhecido como bom esportista. Em 1960 voltei para a Linha Salvação com meus companheiros, já preparado para o casamento.

Quinto passo aconteceu quando o padre Giácomo Vacaro assumiu a Paróquia de Relvado, por motivos da morte do Padre Jerônimo Bortolotto. Aí começou um reconhecimento muito amplo da minha vocação, porque tinha facilidade na educação, na leitura e na palavra, pois o meu grau de educação escolar chegou ao máximo para a comunidade que, naquele tempo, era chegar nos seguintes livros: a Selecta<sup>1</sup>, o Manuscrito, a Aritmética e Gramática. Os exames naquele tempo eram apreciados por jurados. Sempre tive facilidade nos exames. Com essas informações, o Padre Giácomo Vacaro começou a me “perseguir” nas campanhas pelas vocações na liderança jovem dessa época. No dia 06 de maio de 1961, casamos para a constituição de uma nova família. E naquela época, começamos a vida sem recursos. Tudo era improvisado. Não havia máquinas, nem luz elétrica. A colheita era feita na base do manguá: feijão, trigo e outros produtos.

Vieram as filhas. A alegria aumentou e a seriedade da família se confirma. Mas as meninas tinham que enfrentar três quilômetros e meio para estudar, sempre a pé. Mesmo diante dessas dificuldades a fé nunca se afastou de mim e da esposa. Com toda a pobreza Deus sempre estava presente. Continuava a minha missão na comunidade. No ano de 1965 volta a ‘perseguição’ o padre Giácomo Vacaro, começou me visitar em casa e profetizava o que ia acontecer comigo e nesse tempo a comunidade me elegeu para fabriqueiro<sup>2</sup> da capela. Essa estava em construção e junto com os demais eleitos e a comunidade concluímos a obra. O reconhecimento do padre foi aumentando, naquela época a palavra de Deus só era dos padres, em latim. A bíblia era proibida para os leigos<sup>3</sup>. Daí passei tomar iniciativa para adquirir uma bíblia. O padre Giacomo se apavorou com o meu pedido. Mas

<sup>1</sup> Trata-se de livro didático, com dezenas de tiragens, de autoria de Alfredo Clemente Pinto, publicado por Martins Livreiro e amplamente utilizado no Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> A fábrica de Igreja consistia num conselho local, para gerenciar as festas, angariar fundos e, sob a supervisão do padre, inventariar e administrar os bens da paróquia. Popularmente, o fabriqueiro é considerado o líder da fábrica na organização e execução da festa com finalidades sacras e lucrativas.

<sup>3</sup> Uma orientação papal, no século XIII, teria proibido a leitura da bíblia pelos leigos, para evitar problemas de interpretação divergentes daquela do clero.

acabou aceitando o desafio. Afinal era um tabu a ser vencido. Logo encaminhou o pedido para São Paulo, para as Edições Paulinas. Depois de seis meses, finalmente, chegou a falada bíblia. O custo foi elevado, um conto de réis. Dava pra comprar uma boa novilha. Daí o padre passou a dar-me algumas instruções de como estudá-la e usá-la. Afinal, era eu o primeiro da diocese que se interessou e recebeu [instrução]. Foi tamanha a minha satisfação. Aí foi tomado campo religioso em outras comunidades em cursos. Fui acreditado pelas autoridades e daí promovido com diversos cursinhos da Ascar<sup>4</sup>, Clube 4S, Veterinária, Agropecuária, Sindicalismo, Cooperativa e outros. Em 1970 veio a quarta etapa. Talvez a mais importante da minha vida, foi quando fui escolhido pela comunidade, em nome da Paróquia de Relvado, para um curso de Reforma da Igreja, baseado no Concílio Vaticano Segundo, junto com os demais companheiros de quatro comarcas da diocese de Santa Cruz do Sul. Éramos ao todo setenta e quatro companheiros.

O quinto passo. Começamos o curso em Nova Bréscia. Essa centralizava quatro comarcas. Nesse curso começou-se uma nova era onde aperfeiçoei a minha consciência e aprendi a viver comunitariamente. O curso começou da seguinte maneira:

Primeira etapa. Bíblia e revelação. Coordenador Padre Pergentino Pivatto. Data:

02/07/1970.

Segunda etapa. Igreja e Comunidade. Coordenador Padre Alvaro Lenhard. Data:

20-24/07/1970.

Terceira etapa. Liturgia e culto dominical. Coordenador Padre Marcelino Sivinski. Data: 08-13/02/1971.

Quarta etapa. O mistério cristão. Coordenador Padre Gentil Delazeri. Data:

19-23/07/1971.

Quinta etapa. Formação cristã da consciência teológica moral. Coordenador Padre Pergentino Pivatto. Data: 07-11-2/1971.

Esse trabalho se encontra matriculado na Mitra Diocesana de Santa Cruz do Sul - RS, n. 60, Arquivo n. 2, Registrado sob n. 22, página 03, do livro 01, na data de 11/02/1972, assinado pelo então secretário Irno Rech e Bispo Alberto Etges.

Depois de ter recebido o certificado de formação me senti extremamente ligado à Igreja. A minha consciência sentiu-se

<sup>4</sup> O autor não aponta controvérsias, nesse momento, em relação ao serviço estadual de extensão rural, cuja experiência embrionária no Brasil foi desenvolvida em Minas Gerais, sob os auspícios de Nelson Rockefeller e Fundação Rockefeller. No Rio Grande do Sul os serviços de extensão rural foram executados pela ASCAR, atual EMATER-RS.

amarrada a uma missão cotidiana porque a formação, durante esses três anos, havia um povo que rezava para a nossa formação. Cabia a nós a retirada dos velhos e tradicionais costumes, assim como o culto em vez do terço, a missa não mais em latim e de costas para o povo, mas sim na língua nativa, a renovação das comunidades, as crenças familiares, a comunicação pessoal, os ritos e cantos, participar enfim da Reforma da Igreja. O curso não parou nos três anos. Foi uma continuidade de Encontros e correspondências permanentes, as dificuldades e o que não faltou em conscientizar as comunidades para uma nova maneira de ser Igreja. E nessa mudança da reforma houve a urgente necessidade de promover lideranças. Isso não foi difícil, o povo estava sedento de mudança e aceitavam mesmo os maiores desafios, tanto políticos como religiosos. Após a gente ter promovido outras lideranças locais começou um desafio de mudar de Estado, seja, de vir morar em Santa Catarina, a convite de quem já morava aqui: os Gaboardi, os Zanotto, os Genesini, os Dalpassos, Araldi e muitos outros....

Analisando o sofrimento das filhas Maria Ancila e da Cleusa, em fazer sete quilômetros todos os dias, de a pé, para ir à escola, analisando a questão financeira e difícil daquela época, e a dificuldade de fazer dinheiro com a terra que possuía, pedregosa, muito morro, pouca terra mal ajeitada para o trabalho manual, resolvemos juntar as forças do momento e migrar para Santa Catarina, mesmo contra a vontade da comunidade e do Padre Giacomo e os familiares, trazendo na bagagem muita pobreza material mas uma grande riqueza pessoal e fé na juventude e na educação.

Daí foi uma sexta etapa da família. Dia 21 de janeiro de 1973 descarregamos a mudança na comunidade da Linha Rossetto, na casa do Sr. Primo Gaboardi, sendo que em agosto de 1972 fiquei vinte dias a negócios, quando comprei a terra do Sr. Tranquilo GIANESINI, mas esse não pôde entregar o lugar devido outros negócios. Por isso, o desembarque da mudança na Linha Rossetto. Convivemos com a Família Gaboardi durante seis meses, trabalhando muito. Nesse ano dei [ministrei] catequese a um grupo de alunos na Escola da Linha Rossetto, participava das celebrações em Caibi<sup>5</sup>. Com o reconhecimento da minha missão, trazida de Relvado, pelo Padre Baraldi, que me aceitou de imediato e ao mesmo tempo celebrava os primeiros cultos em Santa Lúcia, o que despertou a curiosidade, porque antes era o terço.

<sup>5</sup> Município limítrofe de Palmitos que, no plano da Colonizadora Territorial Sul Brasil, o destinara aos colonos italianos e, consequentemente, católicos.

<sup>6</sup>Bem como para fazer face de forma adequada aos custos inerentes à gestão quotidiana das suas estruturas. As receitas ordinárias de que dispõe são constituídas pelo Fundo Paroquial, pelos donativos de qualquer natureza, pelas esmolas e pelo produto dos peditórios efectuados e ainda pelo rendimento dos seus bens.

Uma nova etapa começou, nessa época, Dom José Gomes<sup>6</sup>, Bispo de Chapecó, dá início a uma grande mudança na Diocese e começa a formação de Ministros da Eucaristia. mas eu, Dalcy Luiz Manica, já tinha sido autorizado Ministro Extraordinário da Eucaristia, pelos padres Agostinho e Otto; já que no Rio Grande, em Relvado, desempenhava esse trabalho. Daí o convite da comunidade de São Braz. Entrei na fila dos ministros, junto com Severino Zanatta e Luiza Olliari.

Nessa época vimos para a terra onde hoje moramos, nessa propriedade. Em seguida comecei na comunidade um trabalho de promoção de lideranças, já que também em São Brás só se rezava o terço. Começamos celebrar cultos, montar equipes para tudo: liturgia, esporte, juventude, escola, catequese, cantos e fundei os primeiros grupos de reflexão, diretamente da bíblia. Foi um sucesso, a participação foi total da comunidade. Logo se alastrou e em 1976 recebi o convite para participar na CPT: Comissão Pastoral da Terra, em Chapecó.

Nessa época São Brás aglomerava as comunidades de Linha Tecchio, Linha Tonioli, Linha Aparecida, Linha Orsolim. Todas pertenciam a São Brás. Eu era o único Ministro Extraordinário. Foi nessa época que a mudança da Igreja foi mais acentuada, que foram lançados os cursos de Batismo, Grupos de Reflexão, Cantos da Vida do Povo, Cantos da Luta, sendo que a minha formação de consciência foi bem aceita pelas comunidades. Fui designado para dar cursos de batismo em Taquarussu, Linha Tecchio, Aparecida, Orsolim e Toniolli. Participaram em São Brás. Os grupos de cursistas eram grandes. Em São Brás havia mais de duzentas pessoas, em Taquarussu setenta e duas pessoas, mesmo divididas em grupos de jovens e casais. Em seguida ampliaram-se os grupos de reflexão, por iniciativa da CPT. Pois a Pastoral da Terra era forte nessa época.

Por três anos continuei sozinho a participar da CPT, em Chapecó. No ano de 1979 entrou o Vigário Padre Gervásio Back. Aí começou uma nova etapa, Padre Gervásio, jovem e atual, era disposto a tudo. Daí começamos um trabalho de interesse voltado para a tomada do STR- Sindicato dos Trabalhadores Rurais, mas tudo por baixo da água, como se diz na gíria, só nós sabíamos o que queríamos. Pois o trabalho da CPT tinha por prioridade os Sindicatos<sup>7</sup>. A Diocese toda estava a serviço da formação da consciência sindical e prática religiosa para envolvimento dos cristãos na luta por uma vida melhor.

<sup>7</sup> Os Sindicatos de Trabalhadores Rurais na região do oeste catarinense, até meados dos anos 70, eram considerados situaçãoista, ou seja, alinhados ao regime militar. O intento da CPT e Igrejas Católica e Evangélica de Confissão Luterana –IECLB – era a conquista dos Sindicatos, liderando o movimento de Chapa 2, ou seja, a oposicionista.

Ampliamos a luta. O Padre Gervásio não mediou esforços para dar-me apoio. Como São Brás era a única comunidade, naquela época, que tomava iniciativa, Padre Gervásio resolveu reforçar a equipe da CPT. Começamos envolver mais gente para participar em Chapecó na CPT. Daí somaram-se forças que os contrários à mudança da Igreja não tiveram mais volta e obrigaram-se a acompanhar nosso trabalho. Ampliamos os grupos de reflexão em São Brás: dezoito grupos atuantes. Eu, Manica, dava a assistência total, assessorado pela CPT e o Padre Gervásio. Foi um sucesso. Logo se expandiram os grupos nas comunidades vizinhas e em todo o município<sup>8</sup> de Palmitos. Eu, Manica, era buscado de carro pelos grupos para dar assistência, por todos os grupos. Eu sentia alegria e satisfação, entusiasmo, foi tanto que quando ia para os encontros da CPT era um exemplo para ser imitado. Basta lembrar que D. José teve o prazer de vir até São Brás, especialmente para valorizar os grupos e os trabalhos de grupos, durante um dia, ficando na comunidade dando palestras e motivando nosso trabalho. A partir daí não houve mais quem pudesse bloquear nosso trabalho, mesmo os contra sentiam-se cada vez mais vencidos. Foi nessa época, pelo ano de 1980, que começamos a mexer com os políticos, quando formamos grupos de levantamento de cursos de produção e desafiar os políticos do município, mostrando a eles a necessidade de começar voltar-se para a carência dos pequenos produtores, dos sem-terra, das mulheres, dos jovens e dos injustiçados velhos.

Nessa época era prefeito de Palmitos o Sr. Nilson Rigoni. Nós já tínhamos conquistado a confiança do nosso trabalho no município. Preparamos grupos para fazer levantamento de curso de produção, junto com o Padre Gervásio. Combinamos um desafio para as autoridades municipais virem até São Brás dar respostas às perguntas formuladas pelos grupos. Daí combinamos a comunidade e preparamos uma celebração toda improvisada<sup>9</sup>, com cantos agitadores, leituras, preces comoventes, salmos agitantes, enfim, uma liturgia super-agitada. O Padre Gervásio celebrando e eu, Manica, nos comentários. Dois violeiros: Amarildo e Manica. Os grupos todos preparados com seus levantamentos de custos e mais perguntas a serem feitas, assim como: Reforma Agrária, custos, movimentos e outros.

Feito o convite ao Prefeito, ao Gerente do Banco do Brasil<sup>10</sup>, Miguel Rabelo, do Registro de Imóveis, Elvino Hope da Cooperativa, do STR. Daí fizemos um flagrante na hora da

<sup>8</sup> D. José Gomes foi Bispo de Chapecó. Incentivou movimentos sociais, Pastorais e ações da CNBB, tais como o CIMI, MMA, MST. Grande feito a luta contra a Peste Suína (Odilon).

<sup>9</sup> Embora o autor fale em improviso, provavelmente, tratava-se de organização, ou encenação.

<sup>10</sup> Foram inúmeras as ações e tentativas do Banco do Brasil de cobrar débitos oriundos de financiamentos incentivados para a modernização da agricultura. Em diversos municípios, o Banco do Brasil foi o local que concentrou as manifestações dos agricultores nos anos 70 e 80.

celebração. Foi um bombardeio de perguntas. E as respostas que obtivemos não foram satisfatórias, mas serviu para acordar o povo das camuflagens que nós somos vítimas. O Padre Gervásio ficou na observação e sentia-se encorajado com a participação da comunidade. Daí partimos para outros movimentos.

A partir daí começamos comprar brigas com a Diretoria do STR, na época Edgar Lessing, Antonio Strapazzon e Vandelino Hoppe, gestão 1980 a 1983. Nessa época estávamos em crise com a suinocultura<sup>11</sup>. Começamos pressionar o STR, junto com os demais companheiros de outros municípios do Oeste de Santa Catarina. A coisa começou a pegar fogo, afinal a suinocultura era o forte dos nossos colonos da Diocese de Chapecó<sup>12</sup> e do sul do país. E a nossa Comissão Pastoral da Terra era a única arma que defendia os colonos e os explorados, a saber que ela foi criada por pura necessidade e com a sigla CPT nós fomos cativando os STR de toda região sul. Estavam à testa da CPT, como fundadores, o Padre Ivo Oro, José Frisch, Padre Levino Blanger e mais com quatro representantes dos municípios que pertenciam à Diocese de Chapecó; da CPT dos quais eu fazia parte. Nos nossos encontros da CPT os nossos estudos eram ampliados na bíblia, na conscientização dos fatos da vida, nos direitos e nos deveres, nos sofrimentos do povo trabalhador, no êxodo rural, na exploração, em geral, na pobreza que estava se multiplicando, na educação que estava se aplicando ao povo, com a imprensa escrita e falada, e a grande ruína da Ditadura Militar, do Golpe de 64 e a CPT vendo que não havia ninguém que assumisse essas barbaridades. Começamos pressionar por todos os lados, agitando o povo e mostrando as roubalheiras dos políticos, o crescimento rápido das empresas dos mesmos, donde saía o dinheiro, como eles faziam para conseguir lograr o povo, as manobras sujas para afastar o poder aquisitivo do povão e muitas outras barbaridades, assim como a tortura das lideranças autênticas e o sacrifício mortal dos líderes do povo, padres, irmãs, sindicalistas, políticos autênticos, e o grande esvaziamento do povo da roça, na saúde, na educação e no empobrecimento geral.

Conscientes de que estávamos sendo preservados em favor do povão, não vacilamos em nada. Todo o grupo partiu para a missão que lhes foi confiada pela nossa organização: CPT, analisando e conhecendo os fatos. Tomamos iniciativa que cada agenda da CPT devia assumir seu município com coragem, baseado na luta do grande líder Jesus Cristo. Não deu outra.

<sup>11</sup> A região, a rigor, tinha economia centrada na suinocultura. O episódio da peste suína e a introdução da integração vertical abalaram a situação econômica das pequenas propriedades.

<sup>12</sup> Dom José Gomes, Bispo de Chapecó, dos anos 1970 a 1990, organizou as pastorais da diocese de Chapecó, esteve à frente nos momentos de tensão, como aqueles da chamada peste suína, que teve varas dizimas pelo Exército. Organizou e subsidiou a formação de diversos movimentos sociais, como o MMA – Movimento das Mulheres Agricultoras [Campesinas], na Comissão Pastoral da Terra, da Saúde, Juventude, na organização nacional do CIMI, órgão da CNBB. Cabe ressaltar que sua biografia, além dos vários méritos, carrega o de fundador da Universidade de Passo Fundo, em conjunto com o Padre Eli Belincata; em Chapecó, juntamente com o empresário e político Plínio Arlindo de Nés, foi um dos fundadores da Fundeste – Fundação Universitária do Desenvolvimento do Oeste, 1970.

Procuramos logo aumentar o quadro da CPT. Não foi difícil. Começamos a organização municipal. Em Palmitos, a essa altura, já havia bastante consciência. Contava comigo, com a força do Padre Gervásio e a Irmã Zenaide.

Assim, conforme o combinado, por município, eu e Padre Gervásio preparamos uma janta na minha casa, com a presença de todas as lideranças de São Brás e convidamos a diretoria do STR. Nessa época estava sendo programada a CPT e alguns sindicatos mais avançados, a grande concentração dos suinocultores<sup>13</sup> em Chapecó no Estádio Índio Condá e o nosso STR não estava fazendo nada. Depois da janta pegamos no pé deles. Enchemos de perguntas e começamos a pressionar ameaçando-os: que se eles não tomassem frente nós assumiríamos a luta e mobilizariímos o povo de Palmitos e levaríamos para a concentração. Eles alegavam ter medo dos militares, afinal era ditadura. Mas o nosso grupo estava decidido: "ou vocês fazem ou nós fizemos". Depois de muita discussão toparam o desafio. Mas com uma ressalva: houvesse qualquer incidente nós éramos os responsáveis. Topamos essa e partimos para a luta. Não deu outra. Foi um sucesso que atingiu o país inteiro, especialmente o Sul. Aí que as Federações começaram a acreditar que o povo estava se conscientizando. Os grandes políticos e as indústrias experimentaram tirar proveito destes movimentos, mas se deram mal. O povão já tinha muita consciência de que os causantes desses desafios foram criados por eles mesmos e passou a desacreditar a politicagem suja dos mesmos.

A nossa CPT, a esta altura, estava com a chave do ouro: Dom José Gomes, Bispo de Chapecó. Era o nosso forte, a firmeza com que ele falava e encorajava qualquer indigente ou carente. Todos os conseguiam entender. A nossa equipe da CPT levou a grande fama de organização dos agricultores. Daí começou outra grande luta. A Igreja contra a burguesia, ou seja, Sadia, Cooper Central, Governo, Capitalistas e todos os que tinham mania de grandezza.

Nessa altura, nas mãos da CPT, já estávamos conscientes que tínhamos atingido o alvo mirado na fundação da CPT. Encorajados e entusiasmados com o sucesso e confiantes na missão, partimos para a luta da organização sindical. Afinal era nossa prioridade na fundação da CPT, pois os sindicatos estavam atrelados aos governos desde a fundação, a maioria a partir do golpe de 1964.

<sup>13</sup> Para aprofundar na temática, consultar a dissertação de mestrado de Odilon Poli, defendida na Unicamp, em 1995 ou no livro de sua autoria, **Leitura em Movimentos Sociais**, publicado originalmente na Editora Grifos e reeditado pela Argos Editora Universitária.

Nessa época da ditadura militar camouflada, os Sindicatos não podiam fazer nada a não se dar aos seus sindicalizados o que o governo e seus governos econômicos ofereciam: que era o trabalho técnico, assistência importada, competição; o maior câncer para o colono: previdência limitada e discriminada para homens, mulheres e filhos.

E nós da CPT tínhamos que fazer alguma coisa que o povo pudesse conhecer mais propriamente o que era o Sindicato em nível de município. Não foi difícil. A carência do povo era tanta que a essa altura faziam qualquer coisa para se livrar do tipo de governo que tínhamos. A CPT e a Igreja de Chapecó já conseguiram se organizar com diversas pastorais e nós de Palmitos demos prioridade, além da CPT, às CPS - Comissão Pastoral da Saúde, tendo em vista que eu, Manica, já estava bastante avançado nos movimentos da CPT e já fazia parte da delegação sindical. O Padre Gervásio, ainda vigário de Palmitos, me propôs esse desafio. Eu senti que era mais um sacrifício para a minha família, a saber que éramos somente eu, a esposa e duas filhas: Maria Ancila e Cleusa. Mas a nossa fé era tanta que se media com palavras: almoçávamos a luta, não perdíamos nem uma hora de serviço na família para dar conta do recado. As dificuldades já estavam acostumadas a conviver com a nossa família.

Daí formamos o primeiro grupo de saúde preventiva em São Brás. Foi um sucesso, mas dobrou a minha tarefa para com a Paróquia e a Diocese. Afinal, de agora em diante, era a CPT e a CPS, Sindicato e família, mas Deus estava conosco. Nunca me faltou o necessário.

Depois de ter participado um tempo, para tomar conhecimento de que se tratava sobre a saúde preventiva, começamos um trabalho com o grupo ampliado com trinta e dois agentes pastorais de saúde. Nessa época, Dom José Gomes, Bispo de Chapecó, liberou uma equipe diocesana para assessoria, na qual a Irmã Gema era a Coordenadora Geral dos Grupos. Foi um trabalho bem aceito pela comunidade e que logo deu bastante satisfação. Reunimos para o grupo de São Brás a participação das seguintes comunidades: Linha Cascalho, Linha Taquarussu, Linha Toniolli, Linha Tecchio, Linha Orsolin, Linha Aparecida, Linha Pinheiro, Linha Passarinho. De nove comunidades ampliou-se para mais de oitenta agentes pastorais.

Sendo eu fundador dos grupos, coube-me a Coordenação e o Padre Gerválio Back dava-me total assistência e a assessoria

necessária e muito apoio. Fazíamos das pastorais celebrações populares, trazíamos palestrantes profissionais de outros estados vizinhos para valorizar os grupos, autoridades da área da saúde, médicos, ACARESC<sup>14</sup>, técnicos agrícolas, agrônomos, agentes de meio ambiente. Ampliamos os grupos com diversos cursinhos de preventivos mínimos contra acidentes, pressão arterial, afogamentos, choque elétricos, esterilização de material ambulante. Foi fornecido material de esterilização, material de aplicação, livros, manuais de estudos, aparelhos de pressão, seringas de todas as espécies, cursos de manutenção do material, além do conhecimento prático para o uso das plantas medicinais, que foi a maior prioridade. Graças às plantas medicinais conseguimos verdadeiros milagres, além da prevenção das doenças. O nosso lema era além de curar, antes prevenir com o uso das plantas medicinais. Exemplo prático: a sobrevivência indígena sem o uso de médicos, mesmo com a exploração da civilização.

Tendo chegado a esses patamares, atingimos a repercussão desagradável dos médicos, os quais passaram a nos comprometer e nos pressionar sobre nossas responsabilidades, pois a clientela hospitalar começou a diminuir nos hospitais e sensivelmente as consultas médicas. Compramos algumas brigas, mas sempre fomos bem sucedidos, devido nossos conhecimentos avançados e assessoria da diocese e da paróquia.

Nessa época, eu, Manica, era delegado do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e desempenhava diversas tarefas importantes dentro das pastorais, da Paróquia e da Comunidade, Ministro da Eucaristia, Pastoral da Terra, Pastoral da Saúde, Delegado Sindical, Catequista dos Crismandos, Membro dos Esportes, Coordenador dos grupos de Reflexão. Começou a influência política, querendo me explorar, mas eu estava bem assessorado pela Igreja. Havia uma certa cautela sobre a maneira de exploração. Para nós, Coordenadores das Pastorais, não era surpresa. Sabíamos que isso ia acontecer e sabíamos perfeitamente como agir e em contra-partida explorar a politicagem dos interessados. Não deu outra. Estava no STR um dia, quando o Presidente do STR, por telefone, chamou o Prefeito Nilson Rigoni e fecharam a porta do gabinete, e ali fizeram muitas propostas para participar do Movimento das Pastorais. Deixei a eles a esperança de consultar os grupos, e foi feito depois de ter me comunicado com o Padre Gerválio, meu assessor principal. E nessas propostas havia uma que agradou a comunidade e a muitos que não participavam da Pastoral da Saúde, levando em consideração as comunidades

<sup>14</sup> Associação de Crédito e Assistência Técnica Rural do Estado de Santa Catarina, foi implantada nos anos cinqüenta, em plena guerra fria e com o objetivo de se constituir na “missão civilizadora” da agricultura e agricultores catarinenses.

como um todo. Aceitamos o desafio proposto da construção de um posto de saúde em São Brás, que atingiria toda a região, ou seja, as comunidades acima mencionadas. Foi mais uma tarefa, para aumentar o trabalho da gente. A proposta da prefeitura foi de que as famílias da comunidade participassem com uma parcela financeira, e prefeitura construiria o dito posto. Depois de combinar com os membros da comunidade, chamamos o prefeito e foi feito o tratado do posto. Compramos a área de construção com a participação de 73 famílias - que contribuiriam com uma parcela de dinheiro, que no ano de 1980 foi de Cr\$ 1.300,00 para proprietários de Cr\$ 1.000,00 para não proprietários.

Enquanto isso, os agentes de saúde iam desenvolvendo um bom trabalho preventivo. Estava muito a contento das comunidades e da assessoria, da CPT diocesana e paroquial. Eu, Manica, continuava participando de todos os encontros da CPT, da CPS, continuava a organização dos grupos de reflexão, ministros e todas as demais necessidades que servissem para multiplicar as lideranças.

Essa época entusiasmou tanto a comunidade que despertou as autoridades estaduais, que foi dado prioridade para São Brás. O ano político se aproximava, e nós precisávamos de Escolas, esporte. Começou-se uma grande tarefa às lideranças da comunidade já conscientes de seus direitos há muito tempo prometidos. Começou dobrar, a essas alturas, já havia organizações de todos os níveis na comunidade. Resolvemos pressionar para ter um Colégio de Educação. As autoridades, conhecendo com quem estavam lidando, não demoraram. Em pouco tempo construíram um dos melhores colégios que já abrigou 244 alunos, estudantes das comunidades mencionadas. Enquanto isso, o nosso posto de saúde também estava sendo concluído com a participação da Prefeitura e o STR.

Chegado o dia da inauguração, foi uma festa. Inauguramos nesse dia o Colégio Estadual e o nosso Posto de Saúde São Brás. Foi uma grande vitória. Nessa época, quem mandava era o PDS<sup>15</sup> e o que foi feito não era de favor. Foi a pura pressão criada pela comunidade, através dos grupos de reflexão e amaneira com que procedemos, na prática.

Como foi conquistado o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Palmitos? A maior força que me dava sustentação junto às pastorais, era a Pastoral da Saúde e nesta época a pastoral promoveu um Encontro Nacional dos Agentes de Saúde em São Paulo.

<sup>15</sup> Partido situacionista, naquele momento.

Eu, Manica, fui escolhido para esse evento. Como já estava em campanha para o STR ganhava força a minha participação nesse encontrão em São Paulo. O Padre Cláudio [Forati] e os pastores Dalcydio e Silvia Genz usaram destes valores para promover a oposição sindical. Dia 20 de abril de 1983 começamos o encontro em São Paulo, com a presença de mais de 300 lideranças e agentes de todo o país e lá ficamos uma semana inteira, aprofundando os conhecimentos gerais que atingia a saúde preventiva. Visitamos bairros, favelas, periferias e entrevistamos o porquê daquela situação.

Foi um grande passo para mostrar a Palmitos que as pastorais estavam do lado do povo e do STR. Como a gente já tinha um trabalho marcado em Palmitos, valorizasse a luta da saúde, que era uma carência da população. A Pastoral da Saúde não só valorizou Palmitos, mas toda a diocese de Chapecó. E a pastoral que continua se desenvolvendo, sei que eu nunca vou abandonar a Pastoral da Saúde, pois ela é a continuação da vida.

Alguns detalhes importantes do acontecimento neste encontro. Primeiro. Foi a miséria popular, como um todo consequência do sistema existente no Brasil, ou seja, a política adotada pelos capitalistas e sua exploração da máquina humana sem consciência. Segundo. A grande necessidade de lideranças para competir, mostrando o lado humano do país. Terceiro. Garantir a continuidade da existência de espaço para as lutas dos trabalhadores, e a saúde materna da mãe terra. Este foi o conteúdo geral desse encontrão, onde as lideranças pastorais ganharam uma espécie de segurança, devido a presença de muitas autoridades importantes na área da saúde preventiva.

Foi com essas organizações que começou a divulgação de que o Manica era o responsável pela reação da comunidade de São Brás e arredores. Na inauguração do Posto estava presente a imprensa e a Rádio Entre Rios, de Palmitos e todo o evento foi divulgado através do Rádio. A partir daí comecei a receber visitas de colonos interessados no Sindicato, todos com interesse de me levar para o Sindicato. Mas eu não estava a fim. Vivia bem na minha terra, com minha família. Nessa época o Padre Gervásio dava o lugar para o Padre Cláudio Foratti.

Como foi que me convenceram. Numa tarde de domingo estava na minha casa. Chegou para fazer uma janta juntos: Padre Claudio, a Irmã Lorena Davi, o Pastor Dalcydio, a Pastora Silvia e o Pastor Hélio. Foi um bombardeio de perguntas que me fizeram.

<sup>16</sup> O sindicalismo brasileiro, fruto do governo varguista, sempre fora alinhado ao governo. Em particular, os Sindicatos de Trabalhadores Rurais, no sul do Brasil, constituíam-se em órgãos assistenciais, tais como a assistência médica, odontológica e outras. O chamado movimento Chapa 2, que aconteceu nos municípios de agricultura familiar (embora não se valessem desse nome) e compreendia a oposição ao sindicato situacionista e sua pauta contemplava questões políticas, como reforma agrária, abertura política, dentre outros.

<sup>17</sup> Igreja Católica Apostólica Roma e Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

<sup>18</sup> Movimento Democrático Brasileiro, partido que aglutinou a oposição em torno da ditadura militar.

Eles não permitiram desculpas. Eles assumiriam a responsabilidade de fazer a campanha juntos. E ao ouvir as propostas eu me senti um covarde, se não aceitasse o desafio. Começamos a organização. Tudo era novidade. Afinal, os pelegos mandavam há muito mais de vinte anos. Em princípio, ninguém queria acreditar que um pé-de-chinelo concorresse ao Sindicato. Mas quando organizamos a Chapa 2<sup>16</sup>, para combater a situação, as Igrejas começaram se manifestar conforme o combinado. Foi assim que começou a grande batalha contra os políticos da ditadura PDS, quando ouviram e viram as duas Igrejas principais de Palmitos<sup>17</sup> se manifestar, começaram a acusar os pastores e o Padre Cláudio de maneira mais covarde que existia. Mas eles [situacionistas] acordaram tarde demais. A essas alturas nós já tínhamos a chapa organizada e ampliada, com diversos encontros sigilosos. O grupo que fazia parte da nossa chapa era todo de colonos, exceto as Igrejas que torciam para nós e conhecem a nossa realidade.

### Ampliação da luta pelo STR

Registrada a chapa 02, montamos as estratégias de propaganda, visita aos associados, visita às comunidades e fomos ganhando espaço na Rádio com a divulgação e entrevistas. Mas como havia dois partidos, na época, definiu-se uma questão política: PDS versus MDB<sup>18</sup>. E nessa nós levamos vantagem porque na nossa chapa tinha metade que era do PDS e esses, desconformados [inconformados] com a situação, abraçaram a causa com garra e vontade, ninguém media esforços. Conquistamos a simpatia dos colonos, politicamente.

#### Eleição do STR.

No dia 14 de março de 1983, finalmente registramos as chapas que concorriam ao STR de Palmitos.

A chapa 01 era composta pelos seguintes membros da situação:

#### Efetivos:

Presidente: Vendelino Adolfo Hoppe;

Secretário Edgar Lessing;

Tesoureiro: Antonio Strapazzon;

Suplentes: João Bortolanza, Antonio Bizelli e João Walter Egewarth.

#### Conselho Fiscal:

Efetivos: Davilho Candido Cossa, Gerônimo Pigozzo, Selmiro Walter Quinot.

Suplentes: Delvino João Bortolanza, Ivecio Paulo Clez, Ari Bergmann.

Delegados Representantes: Vendelino A. Hoppe e Rubens Sopran.

Chapa 02, a nossa, de oposição, era composta pelos seguintes membros:

Presidente: Dalcy Luiz Manica;

Secretário: Frederico Gandolffi;

Tesoureiro: Enio Lauro Stalholfer.

Suplentes: Helvin Helmuth Küttnner, Anibaldo Egon Schleiber e Jorge Rossetti.

Conselho Fiscal:

Efetivos: Gelsemilo Dallavecchia, Danilo Secchi e Arnaldo Olivio Rissi.

Suplentes: Orlando Alves da Silva, Romualdo Scholze, Arnildo Otmar Berger.

Delegados Representantes: Dalcy Luiz Manica, Enio Lauro Stalholfer.

Suplentes: Egon Wenzel e Alfredo Augusto Müller.

Já tínhamos o plano de luta por um sindicato livre e aberto para as famílias da colônia de Palmitos. Fizemos uma pesquisa com o IBGE de Palmítos, que nos forneceu os seguintes dados geográficos: que a área é de 37.200 hectares de terra, 100% ocupada, dividida em 15 hectares por família, 800 famílias sem terra. Nas famílias há 4 pessoas que trabalham de cada. Com 2.242 famílias proprietárias, totalizando 3.042, que dos sem-terra só 4% conseguiam ficar na terra. Os demais desapareciam da colônia para a cidade grande. Os cálculos do IBGE mostraram que 2.000 famílias por ano, a partir de 1967, abandonaram a terra em todo o país, frustrados e iludidos pelo poder econômico capitalista. E Palmitos se chama a Capital da Produção.

Com essa pesquisa e os demais conhecimentos das necessidades do povo, elaboramos e ampliamos o plano de lutas para entrar em ação. O conteúdo do plano foi este:

Prioridades:

Primeiro. Reforma Agrária, já.

Segundo: Não às grandes barragens.

Terceiro: Aposentadoria integral aos trabalhadores e trabalhadoras rurais, para os homens aos 60 anos e às trabalhadoras aos 55 anos<sup>19</sup>.

<sup>19</sup> Observe-se que esse pleito será atingido com a Constituição Federal de 1988.

Quarto. Combate às injustiças econômicas que afetavam os trabalhadores rurais: inflação, preços, exploração da integração, êxodo rural.

Quinto. Despertar a consciência da juventude atrelada ao sistema.

Sexto. A segurança para os trabalhadores, saúde e evitar acidentes.

Sétimo. Manutenção ativa em todos os meios de comunicação, reuniões permanentes e visitas aos associados e nas comunidades.

Oitavo. Formar lideranças com percentagem de custo proveniente do STR, do salário dos efetivos, 4 salários mínimos ao invés de 6 salários mínimos, um salário para custos de formação.

Nono. Renovar a equipe de Delegados Sindicais das Comunidades.

Décimo. Fazer um Sindicato de forte oposição contra o sistema comercial e dos STR atrelados ao governo.

Estas e outras mais lutas foram ampliadas em favor dos trabalhadores rurais da época.

Estas propostas entravam em prática e nós organizamos comissões para cada tipo de trabalho e quando tudo organizado, começou a andar. O meu trabalho era só a coordenação e a execução. Meus assessores davam-me respaldo suficiente para me manter seguro no meu trabalho. Nunca me omitia a nada, nem por pressão adversária, nem por cansaço, nem por falta de tempo. O que eu não fazia de dia, completava à noite. Sempre com entusiasmo e ignorando tudo o que os contra pensavam de mim. Eu tive sempre a certeza de que estava fazendo certo. À noite, ao deitar, para o descanso, fazia meu exame de consciência e agradecia ao Espírito Santo o bem feito e perdoava os erros. No dia seguinte, a partir das 6 horas da manhã, até as 12 ou mais horas da noite, continuava a mesma tarefa: atender e defender meus colegas de trabalho do STR em qualquer circunstância que se fizesse necessário para a minha classe.

Lutas que foram sucesso e deram frutos legais que no dia de hoje estão colhendo desapercebidamente:

Reforma Agrária. Com os sem-terra e as entidades sociais que queria e quer a distribuição da terra por justiça. A partir do ano de 1980, com a ocupação da Fazenda Burro Branco<sup>20</sup>, foi um marco para os sem-terra. Eu era da CPT e pude acompanhar o evento. A partir dessa data os sem-terra de Santa Catarina e os estados vizinhos dispensaram o medo, partiram em busca de terra.

<sup>20</sup> Foi a primeira ocupação de terras em Santa Catarina. A Fazenda Burro Branco localiza-se em Campo Erê. Ver Odilon Poli (1995).

Esta foi a única saída e ainda é para o desempregado da terra, o nosso lavrador de campo.

Baseado nesse evento o meu primeiro serviço foi cadastrar os sem-terra de Palmitos. Entre jovens rurais e famílias apareceram mais de oitocentos interessados. Mas que encamparam a luta com mais coragem foi uma minoria. Diante das dificuldades financeiras e a pressão dos patrões, só compareceram à luta aqueles que estavam arrojados e receberam sustentação pelas entidades sociais. STR Autênticos, Igrejas Progressistas e famílias conscientes do que estava acontecendo.

Em 1983, já com o poder sindical nas minhas mãos, comecei a participar em coordenação no Estado de Santa Catarina. Éramos em dezessete municípios, organizados. Os sem-terra tinham ética confidencial em seus códigos de comunicação, por isso que estou falando eu, porque da direção do STR só eu aceitava o trabalho com os sem-terra. As reuniões, os encontros e organizações, tudo era sigiloso. O Pastor Lobo<sup>21</sup> era o meu forte nesse movimento dos sem-terra. Nós já tínhamos participado de diversos encontros e já tínhamos comissões suficientes para qualquer aventura, quando vinte e seis famílias de Palmitos resolveram firmar a proposta de ocupação, junto aos demais dezoito municípios organizados. Foi um sucesso, dia 25 de maio de 1985, dia de Nossa Senhora do Caravaggio, aproveitando o movimento dos romeiros, alugamos comboios, caminhões e nos botamos, cada município na área mais próxima que lhes oferecia espaço. Palmitos, Caibi e Mondaí tiveram lugar em Mondaí, numa terra de serraria. Aí se acamparam mais de 300 famílias. A partir desse dia a tarefa do STR e das comissões dos sem-terra tornou-se um pesadelo permanente, mas para nós tudo era alegria. Estávamos baseados na lei da justiça, que dizia que não é proibido e permitido.

Provocamos as autoridades para tomada de posições. O estouro dos sem-terra mexeu com o governo estadual. Espíridião Amim era governador, liso como sempre. Amim se aproximou dos sem-terra como salvador, prometendo soluções. Visitou acampamentos e logo comprou uma área de terra de 175 hectares em Bandeirante, São Miguel do Oeste e forçou os sem-terra que estavam acampados em Mondaí a se mudarem para Bandeirante. Foi mais um sacrifício para o movimento. A esta altura o governador estava com 300 soldados em Chapecó para fazer a retirada dos sem-terra. Os militares estavam sob o comando de um tal de Sché [Heitor], quando recebemos o recado de retirada.

<sup>21</sup> Forma aportuguesada de Wolff que, em alemão, significa Lobo.

Era um sábado à noite. O governo mandou a proposta de negociação de transferência dos acampados para Bandeirante, e tudo tinha que ser resolvido até domingo, às 9 horas, em Chapecó, com a comissão dos sem-terra versus governo. Se até esse horário não fosse解决ada a mudança dos sem-terra para as áreas que o governo reservou, os militares invadiriam os acampamentos para dispersar os sem-terra. Começamos tomar providências. Reunimos as lideranças envolvidas, padres, pastores, sindicatos, advogados e a organização dos sem-terra. Às 9 horas da noite começamos a negociação no acampamento, em Mondaí. Era uma noite de muita chuva e temporais. Para quem viveu aquela noite nos acampamentos foi um episódio muito cruel, mas tinha que ser feito porque os militares estavam perto. Formamos grupos de encontro debaixo dos barracos plásticos, até que enfim, lá pelas 02 horas da madrugada, conseguimos organizar a saída para Bandeirante. Mas tínhamos que dar resposta para o governo, em Chapecó.

Formamos a comissão de lideranças dos sem-terra e partimos para o evento, 03 horas da madrugada, cansados, famintos e molhados. Partimos do acampamento rumo a Palmitos e a Chapecó. Coube-me chegar em tempo para o encontro em Chapecó. Demos a partida. O fusca bandeava na estrada, não tinha asfalto, chegamos em Riqueza. A fome tomava conta do sono de várias noites de serão para a organização. Éramos em 4 os escolhidos para esse encontro. O recurso foi acordar o dono de um mercado para matar a fome. Compramos algumas coisas e fomos parar na minha casa, em Palmitos. A minha esposa, como sempre, reconhecia tudo o que acontecia e com muito carinho sempre foi cuidadosa em tratar com os envolvidos em todos os movimentos. Ela nos preparou um café. Repousamos uma hora e partimos para Chapecó. Chuva, barro, pneus furados, o cansaço. Chegamos em tempo, tudo estava conforme o combinado. A partir desse momento todo o movimento dos sem-terra ficou sob a coordenação estadual dos sem-terra. Passamos o dia negociando e definiu-se nesse dia a sustentação e a segurança dos sem-terra nos acampamentos. A partir desse encontro os detalhes gerais dos sem-terra você pode encontrar num livro da Secretaria Diocesana da CPT ou num livro dos Cadernos Ceom, da Fundeste (sic).

Voltamos para os municípios. Cada STR tinha obrigação ética de dar apoio e fornecer sustentação aos acampados que lhe pertencia. Para mim foi muito difícil, devido a pressão de meus

próprios companheiros de chapa. A minha confiança se limitava a umas poucas pessoas, mas o meu forte era o Pastor Lobo e as Igrejas Católica e Evangélica [IECLB], que a esta altura, já tinham mostrado grandes apoios quando eu pedia para assinarem cartas de apoio aos conflitos, às ocupações, mesmo em outros estados. E isso era repetido permanentemente. Não vou citar quais, mas todos os conflitos de movimentos dos estados do sul tem carta de apoio e solidariedade do nosso STR, da Igreja Católica e da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. De 01 de julho de 1983 a 01 de julho de 1986, com essa segurança eu me sentia seguro e animado mesmo nas dificuldades mais perigosas, ameaçadoras que o município oferecia.

Celso Lucas era o prefeito [Palmitos], politicamente declarado meu inimigo. O vice era o Sr. Jeanir Dacroce. Mas quando a pressão popular começou a fazer frente, começaram a ceder e a aceitar os movimentos sob pressão, e chegamos ao entendimento. E a partir desse acampamento dos sem-terra o que eu pedia para os acampados, ou às lideranças dos sem-terra, era prontamente atendido. Foi nestes dias de transferir o acampamento para Bandeirantes, São Miguel do Oeste, que eles demonstraram os primeiros apoios concretos, cedendo caminhões para transporte do acampamento e durante os três anos, sempre que eu precisava para levar mantimentos para o acampamento, eles nunca se negaram, inclusive o Dr. Celso Luca visitou o acampamento.

O que fiz com os sem-terra custou muitos sacrifícios pessoais de minha parte. Mas hoje recordo com muita satisfação, gosto de lembrar as lutas como estivesse acontecendo agora, hoje. Lembro com satisfação um congresso dos sem-terra que participei em Chapecó, durante uma semana, com a participação de 1.300 lideranças. A passeata pela cidade de Curitiba, a preocupação das autoridades com medo político e da agitação dos sem-terra, das vaias que recebíamos e dávamos aos grandes políticos. Tenho saudades dos discursos dos sem-terra, dos desafios, das reportagens agitadas, dos aposentos que Curitiba reservou aos sem-terra -- para lembrar os nossos dormitórios e nossa hospedaria foi nas baías da Exposição de Animais de Raça. Os dormitórios foram nas estrebarias, onde dormiam as terneiras, as novilhas, vacas e touros das exposições. O colchão era a maravilha, serragem com cheiro de xixi dos animais. Mas a nossa luta foi justa e de nada me arrependo. Nesta época, junto

com o Pasto Lobo e a convite do Nildo, Líder os sem-terra de Iraí, participei da organização do acampamento que aconteceu na Fazenda Anoni, em Ronda Alta. Levamos sete famílias num só caminhão, naquela noite, depois de tanta organização. Foi uma noite que marcou na minha vida. Uma história que nunca mais se apaga. De um lado, o desespero, do outro, a alegria da participação por justiça. Me parece ainda de ouvir o barulho misterioso de mais de 200 caminhões descarregando mudança dos sem-terra. Mães preocupadas, crianças chorando, homens arrancando as tendas, polícia preocupada e fugindo do movimento. Um episódio inexplicável, mas sensivelmente concreto e necessário. Não dá pra esquecer das celebrações que fizemos nos acampamentos. Assim como em Erval Seco, em Ronda Alta, com a presença da militância das Igrejas avançadas, e Dom José sempre presente, os padres Cláudio Forati, Padre Belmiro de Mondaí, a irmã Lorena, a Marili Müller e muitos companheiros de fé que agora não vou mencionar.

Quero lembrar a última celebração que eu tive com os sem-terra do nosso município. Foi em Três Passos, São Miguel do Oeste, quando já assentados nas suas terras, presidida pelos padres Cláudio e Berlmiro, em ação de graças e a definição de como iriam proceder de ora em diante os novos proprietários de terra. Foram feitos grupos de dez em dez famílias e amplamente debatidos os regulamentos e os estatutos de compromissos para que o grupo garantisse a sobrevivência. A prioridade dos grupos foi trabalho coletivo e fidelidade entre companheiros.

Quero recordar que, para que isso acontecesse, antes da minha saída do Sindicato, foi preciso um protesto final no Incra, em Florianópolis, onde um grupo de quarenta líderes dos sem-terra arriscaram tudo para que acontecesse a desapropriação de cinco áreas de terras para o assentamento final das famílias acampadas. Eu fui escolhido como dirigente sindical, junto com São Miguel do Oeste, Caxambu e Chapecó, Águas de Chapecó. Organizamos o grupo e fomos para Florianópolis. Ao chegar, acampamos na Praça Matriz, perto do tradicional pé de figueira. Estendemos as lonas em cima das barras de concreto que sustentam as trepadeiras da praça. Buscamos os primeiros detalhes. Participamos a nossa chegada à FETAESC [Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Santa Catarina] e pedimos apoio para o movimento presente. Meio contra à vontade se prontificaram. Daí passamos a explorar como iríamos nos

organizar para tomar a sede do Incra. Enquanto isso, um pequeno grupo de mulheres, homens e crianças ficaram para organizar o barraco. Mas alguém comunicou ao governador Amim e ao Prefeito a nossa chegada. Quando voltamos, na boca da noite, foi a primeira decepção. Os policiais tinham derrubado o nosso acampamento e dispersado os companheiros que ali estavam. Só restou ali um grupo de aposentados, curiosos e alguns jovens que estavam por aí. Mas nada levaram. Fiquei olhando um pouco e de repente enxerguei o meu violão ali dum lado, no chão. Abracei o violão e comecei cantar a música “A grande esperança”, de Zilo e Zalo, o que nós chamamos de “Classe Roceira e Classe Operária”. Ao ouvir a música a turma foi voltando, aos poucos. Daí passamos a montar o acampamento no terreno da Catedral. Montamos três barracas para as mulheres e as crianças e nós, homens, dormimos no paralelepípedo. A pasta que eu levava era meu travesseiro. E a blusa o meu cobertor. Botamos cartazes com dizeres da nossa luta e porque estávamos ali. A luta por um pedaço de terra para sobreviver, mas mesmo assim passava por os gráficos de carro e mais os curiosos, mesmo em alta noite e gritavam: “vão trabalhar, vagabundos, se quiser comer! Lugar de tatu é no mato!”. E muitas outras bobagens, que não vale a pena contar.

Amanheceu o dia. Buscamos comida para todos junto a FETAESC e partimos para o desafio da tomada da sede do Incra. Os homens, quando se deram conta, nós já estávamos acampados na sala, esperando o que iriam fazer conosco. Mas não houve reação nenhuma, nem polícia, nem televisão. Cautelosamente, começamos a negociação. Só que nós não abandonamos a casa durante toda a negociação, que durou mais de oito dias. Provocamos o INCRA até que a Imprensa descobriu e tornou público, foi um deus nos acuda. Logo foram tomadas providências. Daí veio o pessoal do MIRRAD<sup>22</sup> e Brasília, urgente, e a negociação tomou outro rumo. Conseguimos cinco áreas para assentamentos. A partir desse dia começou a melhorar o visual dos sem-terra acampados.

Voltei para Palmitos porque estava rente às eleições sindicais. Os demais companheiros ficaram mais quinze ou mais dias, acampados em Florianópolis, lembrando que antes de eu voltar invadimos a Assembléia dos Deputados e o Palácio do Governo Amin. Sempre com o mesmo lema, “queremos terra para morar, trabalhar, comer e viver”. Quero aqui lembrar o nome dos corajosos sem-terra de Palmitos que pleitearam o sofrimento mais de três anos, antes da posse da terra:

<sup>22</sup> Ministério Extraordinário e para Desenvolvimento e Reforma Agrária, criado em 1985. Foi extinto em 1989. A partir de 2004 o Ministério de Desenvolvimento Agrário, constituído em 2004, incorpora as funções daquele Ministério.

- 0 - João Rodrigues - Bairro Progresso;
- 01- Cerilo Russi - São Gotardo;
- 02- Valentin Antunes - Linha Diamantina;
- 03- Sebastião do Nascimento - Barra do Palmitos;
- 04 - Dimelo Brandão - Bairro Santa Terezinha;
- 05- Antenor do Nascimento - Bairro Santa Terezinha;
- 06- Adão do Nascimento - Bairro Santa Terezinha;
- 07 - Naldir Kleman - São Roque;
- 08 - Valdir Camara - São Roque;
- 09- José Agostini - São Gotardo;
- 10- Aparício Nogueira - São Gotardo;
- 11- Luiz Carlos da Silva - Bairro Progresso;
- 12 - Antonio Vidal - Bairro Progresso;
- 13 - Saul Vidal - Bairro Progresso;
- 14 - José Rodrigues - Bairro Progresso;
- 15 - Oscar dos Santos - Bairro Progresso;
- 16 - Nelso Marquendas - Maria Goretti;
- 17 - Olivo da Silva - Bairro Santa Terezinha;
- 18 - Irineu Strassburguer - Seis de Setembro;
- 19 - Orlando Beck - Seis de Setembro;
- 20 - Ademar Schmidt - Seis de Setembro;
- 21 - Hilário Prezer - Santo Antônio;
- 22 - Valdomiro do Nascimento - Santo Antônio;
- 23 - Neudi Guindani - Nova Brasília;
- 24 - Osmar Valcarengui - Nova Brasília;
- 25 - Nelson Massola - Nova Brasília.

Nomes envolvidos, além dos sem-terra: Pastor Lobo, Dalcy Manica, em Palmitos. Indiretamente: Padre Claudio Foratti, Igreja Católica, Mareli Müller, Pastor Dalcydio, Pastora Silvia, Igreja Evangélica e Irmã Lorena.

Entidades: Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Igreja Católica, Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil. Estes grupos se convertiam em dar e receber apoio e participação em todas as lutas dos sem-terra em todos os acampamentos, que se fez necessário, em qualquer parte da região do país.

A luta contra as vinte e três grandes barragens do Rio Uruguai.

O primeiro. Começou no ano de 1980, quando Dom José Gomes promoveu um encontro com as autoridades municipais da micro-região oeste, em Palmitos.

O segundo passo foi uma grande concentração em Carlos Gomes, no Rio Grande do Sul, em 1983.

O terceiro passo foi fazer mais um encontro em Palmitos, com todos os STR da micro-região oeste e mais as autoridades municipais.

O quarto foi organizar uma concentração de protesto contra as barragens em Itapiranga, com 3.500 pessoas.

O quinto passo foi a concentração em Palmitinhos-RS, com 5.000 pessoas.

O sexto passo foi em Riqueza - Mondaí, com 7.000 pessoas.

O sétimo passo foi Nova Brasília, Palmitos, com 3.000 pessoas.

Oitavo. Em Linha Salete, Caibi, com 5.000 pessoas, lembrando que em todas estas concentrações, além dos atingidos pelas barragens havia sempre a participação das autoridades em todos os segmentos sociais, econômicos e religiosos, em nível municipal, estadual, federal e internacional. Quem promovia? Eram os STR autênticos que pertenciam aos dois lados do Rio Uruguai, nas regiões este do Estado de Santa Catarina e o norte do Rio Grande do Sul. Seja, Chapecó e Erechim.

O resultado foi a suspensão do plano 2000, que envolvia 40000 famílias e a mudança do grande projeto que minimizou o sofrimento e o desespero dos colonos na margem do Rio Uruguai e muitos envolveram milhares de pessoas e lideranças, centenas de encontros e reuniões, dezenas de protestos sindicais e religiosos em Brasília, em Florianópolis, em Porto Alegre, em São Paulo com a CUT nas propostas de luta da Cut, nas propostas do PT.

Lutas que marcaram o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Palmitos, nos anos de 1983 a 1986.

Em 25 de julho de 1983, pela primeira vez, os colonos tiveram vez de desabafar publicamente, através da Rádio Entre Rios, com duas horas de gravação, feita pelo Manica, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais com a visita feita de produtor em produtor de suínos e outros produtos. Foi o momento quando os colonos começaram a acreditar no seu STR e que realmente haviam encontrado um sindicalista sem discriminação. Nesta época os colonos passavam por uma crise, e não havia quem assumisse a luta e com essa iniciativa mexeu com o comércio, Cooperativa e os atravessadores. A partir desse dia eu, Manica, fui marcado para ser substituído logo no término dos três anos que fui eleito.

Dia 25 de julho de 1984. Fizemos uma grande passeata pelas ruas de Palmitos, com máquinas agrícolas, mais de três mil colonos, sob protestos contra as grandes barragens, os roubos que estavam sendo feitos na presidência do Inamps; preços dos suínos, saúde, lutas pelas conquistas dos direitos do povo, mulheres, jovens, Reforma Agrária, tudo sob cartazes, faixas e pronunciamentos dos colonos e das colonas.

Dia 25 de julho de 1985. Uma grande concentração em Santa Luzia [Lúcia], sob protestos novamente contra as barragens, arrancados os marcas da Eletrosul, por uma política de preços, pela previdência falida, pela Reforma Agrária, pelo descaso e a falsidade governamental, pelos sem-terra novamente pelos direitos populares, isto sempre programado pelo STR e apoiado por uma assessoria ecumênica, ainda nesse dia uma passeata até a Ponte do Rio Uruguai, com o sepultamento da Eletrosul, simbolizada nos marcos arrancados pelos atingidos da Linha Tecchio, Taquarussu e Cascalho, que foram jogados do alto da ponte no Rio Uruguai.

Dia 25 de julho de 1986. Já não tendo mais o STR em meu poder, programamos encontro em todas as comunidades, com celebrações e historiadores sobre os migrantes no Brasil e a luta pela terra e a sobrevivência dos filhos da mãe terra.

### **Último programa na Rádio Entre Rios, em poder do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Palmitos.**

Ao me despedir da presidência da coordenação desse STR quero valorizar hoje a todos os movimentos e organizações que junto com agente lutou, para que este STR pudesse andar conforme os interesses da classe. Por esse motivo, me sinto na obrigação de mencionar alguns movimentos e algumas representações e até alguns nomes.

Em primeiro lugar, quero valorizar e dar bastante ênfase ao Padre Cláudio, aos Pastores Dalcydio, Silvia, Lobo e Helio, ao Antonio Hertel, à Irmã Lorena, à jovem Marli Müller e a todos os membros da CPT, a todos os colegas ministros autênticos e a todos os religiosos e religiosas, catequistas e leigos que, com garra e apoio moral, deram uma mão forte ao nosso STR nos grandes movimentos e concentrações e que, juntos a esta gente quero incorporar os valores dos STR autênticos; que são todos os delegados que me apoiaram nas lutas para a conquista de cumprir

com o plano de trabalho assumido durante estes três anos de gestão sindical do nosso município de Palmitos e região.

Em segundo lugar quero valorizar as organizações e comissões das barragens, que gerou polêmicas, mas hoje tenho certeza e conhecimentos de suas responsabilidades para defender seus interesses da propriedade familiar e conhecem o perigo que estão correndo suas propriedades.

Em terceiro lugar, quero valorizar a organização dos sem-terra, no qual a gente teria uma longa história para contar. Mas o importante é saber que um grande passo foi dado. Só falta agora a perseverança do avanço para a Reforma Agrária para o trabalhador rural e urbano. Casos concretos mostram a realidade de uma propriedade que há três anos era intocável.

Em quarto lugar quero valorizar a nossa querida juventude que está em plena conscientização e descobrindo realmente que eles são uma peça das mais importantes na sociedade onde o sistema capitalista quer fazer deles uma máquina de produção capital, e graças a sua organização estão conscientes que estão sendo explorados, como simples operários e não como futuros proprietários e novas famílias autônomas. Parabéns, jovens, contem com a gente para o que der e vier e lembrem-se quando quiserem a minha presença podem contar. Estarei com vocês.

Em quinto lugar quero valorizar as organizações das mulheres, na qual nós perguntamos onde é que estas mães buscaram tanta força para aguentar tanto a exploração durante tantos séculos? Sabemos que Cristo e Maria e a fonte, mas será que eles gostam de ver essa exploração? Vamos, mulheres e jovens. Não parem. Já está claro. Se você não fizer por você mesma, ninguém fará por você.

Em sexto lugar quero valorizar aqueles líderes políticos que realmente lutam pelos nossos trabalhadores rurais e urbanos e que não se deixam corromper diante dos interesses individuais e que despreocupadamente se entregam a serviço dos trabalhadores que o elegeram livre e conscientes. A estes políticos, parabéns.

Em sétimo lugar quero valorizar as equipes de levantamentos de custos de produção e lembrar que estas comissões terão que se reorganizar periodicamente, pois da nossa produção viveremos sempre e deveremos conservar a nossa fábrica de alimentos que é a proteção dos nossos colonos, de Palmitos e de toda a nossa Santa Catarina, junto aos demais estudos do sul.

Em oitavo lugar quero valorizar a equipe de saúde preventiva. Embora a gente não pôde atuar junto estes três anos, mas de qualquer forma ela anda e agora vamos dar novo impulso porque a saúde é o centro de nossa existência, e é a garantia de nossa sobrevivência. Sem prevenção não há cura e é melhor prevenir do que remediar. Pois nós somos responsáveis pelos nossos atos e pelo sim ou pelo não.

Em nono lugar quero valorizar as entidades sociais, que conseguiram entender a necessidade de uma mudança política e social, onde elas se firmam em cima da classe trabalhadora e que ao entender aqui a gente queria com o sindicalismo, passaram a nos apoiar, dando ênfase classista, reconhecendo que a classe sindical não é partido político. Assim com o exemplo do boicote aos bancos e outros, aonde todos entenderam que o objetivo era de interesse comum, que neste caso era a retirada da correção monetária e os altos juros que ajudavam a seca e as enchentes acabarem com a produção dos nossos colonos.

Em décimo lugar quero valorizar a todos os meus colegas sindicalistas autênticos que não se deixaram levar por demagogias ou por interesses pessoais e que estão lutando dia e noite para que a nossa classe sobreviva e a todos os sindicalistas das nossas micro-regiões que me deram apoio quando fui pressionado para renunciar do meu cargo que, graças ao apoio destes colegas das micro-regiões e graças à força que me foi dada na preparação de muitos anos de sindicalista a gente enfrentou e pôde concluir os três anos de gestão, aguentando calado sem criar polêmicas na classe. Por esse motivo, e agora depois de enfrentar a corrupção e a perseguição vou entregar para uma nova mentalidade, segundo as palavras dos novos sindicalistas, e irei voltar para a roça e cuidar da minha família e a plantação que simplesmente eu acho uma profissão muito digna.

Mas quero lembrar que nem só por sair da diretoria do STR vou parar de lutar com a sociedade. Dia 03 estarei de viagem para o Rio Grande do Sul para um grande encontro de três dias da Comissão Pastoral da Terra e a gente vai representar toda a região oeste de Santa Catarina. Junto com a gente também irá uma mulher de Cunha-Porã, Terezinha Ceccon. Portanto, a luta não vai parar. Com um sem sindicato o povo precisa se defender da exploração e quero lembrar mais uma vez aos companheiros que, de tudo o que a gente fez nestes três anos no STR, não estou arrependido nem um minuto. Se um dia for cobrado em

voltar, vamos repetir tudo e se for necessário muito mais, porque o sindicalismo é isso, é defesa dos trabalhadores e não é exploração. Quero lembrar mais uma vez que todas as mudanças políticas e sociais que aconteceram e estão acontecendo, se devem graças aos movimentos e organizações e as pressões populares que a gente coordena e participou e as não é mérito de um politiqueiro que agora quer faturar com isso. Esses apenas são aproveitadores da situação do povo e as desgraças que eles mesmos criam. Com isso quero me despedir em nome da minha família, minha esposa, pedindo a todos os que conviveram com a gente aqui em Palmitos ou em qualquer lutar, que não esqueçam da gente, estamos morando em São Brás e nós garantimos não esquecermos nunca de quem nos apoiou e acreditou.

Quero lembrar a todos os que tiveram algum assim particular comigo, amanhã estarei todo o dia no STR, no meu gabinete. Para esse fim, depois não posso mais porque tenho que organizar meus trapos, minha mochila para voltar para minha terra, conforme prometi aqui quando entrei no STR; que no dia em que colonos me rejeitarem no Sindicato, voltria para o cabo da enxada com muito orgulho e consciência limpa de ter cumprido com meu dever de sindicalista puro e autêntico sem vacilar, e sem me corromper, nem por politicagem, nem por poder, nem por dinheiro, nem por ofertas de terras, mas sim cumprir com somente aquilo que prometi: salvar o STR e valorizar os nossos trabalhadores rurais e se um dia eu for um político partidário saberei ser autêntico e responsável por aquilo que faço e aquilo que digo.

Bom dia a todos e lembrem-se todos os de boavontade, permaneçam firmes que a luta continua.

### Especial jovem e sem-terra

Companheiros e companheiras, jovens trabalhadores rurais e ouvintes que estão em sintonia conosco neste momento. Conforme a gente prometeu, estou hoje aqui para me despedir do cargo que me foi conferido no dia 01 de julho de 1983, quando assumi junto aos demais colegas a presidência de conduzir os destinos da classe dos trabalhadores rurais, incorporada numa sigla única - STR - Sindicato dos Trabalhadores Rurais - e com muita vontade, com muito carinho, e com muitos anos e a camisa desta classe a gente se entregou de corpo e alma a serviço com um único interesse: defender os trabalhadores rurais no seu todo. Mas, para provar aos companheiros e companheiras é preciso

que hoje a gente mencione alguns fatos. Neste momento quero lembrar aos companheiros que não estou lamentando a minha saída do STR, mas sim o direito de lembrar a quem apoiou a gente, um pouco de imagem do STR durante estes três anos de grandes lutas, portanto todos devem lembrar que quando a gente assumiu começou uma grande enchente que desabrigou muitas famílias e perdeu-se muitos produtos e os colonos ficaram pobres. Ali começou crise em tudo, era desemprego que até a prefeitura se obrigou a fechar por seis meses, por falta de dinheiro, que até o STR estava com mais de Cr\$ 400.000,00 de dívida. Era inflação de 14% ao mês. Era previdência falida, que nos fez fazer coisas por fora do normal para conquistá-la. Era a Eletrosul invadindo as terras dos colonos, querendo enganar os colonos com a marcação das barragens, mentindo e ameaçando a gente, o Padre Cláudio, os Pastores Silvia e Helio, porque alertávamos quem era e qual os interesses destas empresas. Era a mudança política numa estafa de povo revoltado com os roubos dos chamados colarinhos-brancos. Era os sem-terra se batendo para que saísse a Reforma Agrária, coisa que está no ar até hoje, só que hoje com mais entusiasmo, graças à organização dos sem-terra e dos STR autênticos, lembrando aqui alguns sofrimentos que a gente conviveu junto aos sem-terra, quando em Curitiba, num Congresso, nossa hospedagem foi a baía de exposição de animais. O nosso pernoite era o piso das estrebarias, porque nós não tínhamos dinheiro para dormir melhor. É importante lembrar que a gente não gastou um tostão do STR durante 5 dias e importante saber que, a gente só trabalhou de noite e feriados, e dias santos para essa organização. A gente passou fome, frio, enfrentamos perigos, ameaças de morte, e por fim, acampamos no Incra e pousamos diversas noites nos paralelepípedos, seja na calçada em Florianópolis, para atrair a atenção do Incra, e que de fato se conseguiu a desapropriação das terras para as 2000 famílias de acampados.

### **Vitórias conquistadas pelas lutas do STR de Palmitos de 1983 a 1986.**

Em dezembro de 1983 e janeiro de 1984, uma grande enchente apodreceu a roça de feijão dos colonos. Estes apelaram ao STR porque muitos colonos estavam sendo cobrados judicialmente. Organizamos comissões e conseguimos salvar a terra de muitos colonos com a renovação dos contratos e comerciais para um ano, seja, até 1984.

Vinte e seis famílias sem-terra conseguiram propriedade depois de uma longa luta em acampamento. O STR participou ativamente. Algumas não aguentaram o desafio e perderam a oportunidade. Hoje quem avançou está bem. Com invasão do Incra, acampamentos e protestos nas Assembléias Estaduais e bloqueio de estradas, etc.

O governo faliu com o Inamps e nós, com a luta sindical, sob protesto, recuperamos imediatamente. Em Florianópolis com o protesto na Ponte Colombo Salles e na Assembléia Legislativa e em frente à Catedral.

Com protestos e concentrações de diversos níveis populares sustamos o projeto 2000 das 23 barragens do Rio Uruguai, salvando 40.000 famílias e a sustentação definitiva da barragens entendida em Iraí que sediasse na comunidade Passarinhos, Palmitos, que atingia Palmitos, Iraí, São Carlos, Águas de Chapecó, Pratas, Farinhas e muitas outras comunidades. A retomada deve acontecer no ano 2010.

Derrubada dos juros que atingiam até 70% por mês, com protestos em frente aos bancos, em Brasília, por ocasião do Plano Cruzado I, do Governo Sarney. Em Palmitos, por 3 dias fechamos os bancos com a guarda de 3 a 5 mil colonos e com boicotes, não se vende nem se compra.

A indenização das terras em que transita a rede elétrica de Cunha Porã a Palmitos, com organização dos colonos atingidos, sob protesto em São Miguel do Oeste na Celesc<sup>23</sup>.

A sindicalização das mulheres, conquistada sob a pressão e organização em Assembléias do STR.

A compra de área de terra para o movimento Cohab, sob organização da Igreja e STR.

Mudanças no sistema de governo estadual e municipal, com a aproximação dos agricultores ao poder público, seja facilitação nos financiamentos e custeos, troca-troca e outros.

Formação de lideranças, diversos, centenas de líderes, por ser o STR de Palmitos, durante 1983 até 1986, centro de formação, centro de divulgação, centro de informação, o STR agregava este projeto por ter um grande respaldo de lideranças, sejam políticas, religiosas, sindicalistas e básica pela sua organização e formação que sediava os movimentos populares, e com isso possuía o maior quadro de comissões sociais, sob todos os tipos de movimentos populares desta época.

<sup>23</sup> Centrais Elétricas Santa Catarina.

Este é o resumo das grandes vitórias, sem contar as pequenas conquistas do dia-a-dia, vivida com os trabalhadores rurais, com um trabalho matemático de 565 reuniões em três anos de mandato no STR de Palmitos, liderado por mim e os demais colegas de chapa e das três micro-regiões do Estado de Santa Catarina. Dalcy Luiz Manica. Presidente do STR - 198/1986. Palmitos -SC.

Prioridades assumidas pela Organização Sindical - CUT, da qual nós participamos:

Reforma Agrária - para o homem que na terra vive.  
Previdência Social - direitos dos trabalhadores.  
Política agrícola - dos pequenos agricultores.  
Participação política - PT nas decisões governamentais.  
Em todos os níveis sociais.

A grande luta pela autonomia da mulher.

A conquista da mulher na sociedade não se conta com poucas palavras e tampouco com pequeno espaço conquistado. É preciso contar um pouco mais. Eu, Manica, tenho agora 56 anos de idade. tenho vivido toda a história de mudança da Igreja Católica desde o ano de 1965, no chamado Concílio Vaticano Segundo. Lembro muito bem desde a idade de sete anos, quando a mulher era somente objeto de pecado, e que passarei a contar neste escrito que segue.

Tudo o que eu vou escrever sobre a mulher é a pura verdade, me proponho a maior prova necessária se for o caso.

É do conhecimento de todos os historiadores e das cabeças brancas de hoje a mudança da mulher antes de 1965 e da mulher da década de noventa.

Antes da reforma da Igreja, o espaço da mulher era restrito dentro de quatro paredes, eu lembro contando a história daquelas famílias que convivem com a minha família, a começar pela discriminação feita pelos padres, naquele tempo.

Começando pelas jovens. Era excomungada a jovem que participasse de um baile. Por algum tempo, conforme a gravidade do caso, a jovem não podia sair de casa sozinha. Tinha que ser acompanhada pela mãe ou pelos irmãos. Não podiam namorar a sós, alguém devia estar por perto. A jovem que desobedecesse passava pelos piores desprezos da comunidade e dos vizinhos. Se, por acaso, a jovem cometesse algum deslize ou perdesse a

virgindade, era simplesmente discriminada e passava pelas piores vergonhas. Se ela ficasse grávida, não havia mais lugar junto às demais companheiras. Logo era comunicado ao Pároco, Padre, e já era forçado o casamento. Era proibido a jovem grávida casar com vestido branco ou grinalda. Tinha que ser de vestido roxo até os pés e véu preto na cabeça, e que esse caísse sobre o rosto. Depois do casamento era sagrado, a morada tinha que ser na casa do marido. Só se invertia o caso com a autorização de ambos os pais.

Quero contar um caso que aconteceu na Paróquia de Relvado, município de Encantado, para sintetizar o que acontecia com mais clareza. É o caso de uma prima, irmã da minha esposa. Aconteceu de estar namorando e ficou grávida. O medo, a vergonha, o desespero, fez com que, tanto ela como o namorado dela se calassem. Mas no sétimo mês de gravidez tudo veio à tona. Foi um desastre. O desespero das famílias foi implacável. Logo foram tomadas providências para o casamento. Daí foram se encontrar com o Vigário da Paróquia, acompanhados de ambos os pais. Conversaram com o Padre e depois de um longo sermão, o Padre deu a penitência. Sabe qual foi a penitência? Se eles quisessem casar, ela, a moça, teria que dar uma volta na praça da cidade para que a população pudesse contemplar a barriga dela que, por sinal, era de pontuda bem grande. A caminhada da pobre moça ou jovem Mede, até hoje está lá pra ver, ultrapassa dois mil metros. É uma praça grande em frente à matriz. O comércio e os moradores arrodearam a praça, formando um quadrado. Todos de frente para a praça, formando um quadrado. Todos de frente para a praça. Adivinhem vocês a vergonha daquela jovem sendo observada por toda aquela gente a mando do vigário!

E, se ela quisesse casar na igreja, teve que fazê-lo. Naquele tempo quem se juntasse era considerado de família de pagãos, era excomungado e perdia todos os direitos da fé cristã. Casos como este era comum aparecer na sociedade daquele tempo.

Mas não foi só a Igreja a culpada, não. Com os homens daquele tempo e o governo, as mulheres eram consideradas somente como reprodutoras. Havia dois fatores que escravizavam as vidas da mulher. Ambos eram de comum acordo. Primeiro, a Igreja condenava a mulher que não tivesse bastante filhos. Se um casal tivesse apenas dois filhos tinha que confessar ao padre o porquê e como faziam, porque antes de casar, a jovem recebia da Igreja a recomendação muito rigorosa sobre o pudor, como devia

comportar-se com o marido. Era proibido se negar ao acasalamento do sexo. Se isso acontecesse teria que confessar ao padre quantas vezes. Ela devia dar o direito ao marido de aumentar oito filhos. Muitas mulheres morriam no parto porque, naquele tempo, não havia recursos médicos (cesariana). Mas as famílias que tivessem sorte de ter mais de oito filhos, o governo destacava um salário, que se chamava abono familiar. Então com esta proposta do governo, quase ninguém baixava de oito filhos. Segundo, as a situação foi apertando as famílias. Começou-se a migração de estado para estado. As famílias que não possuíam mais que uma colônia de terra, dez alqueires, se obrigavam aventurar em Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso.

Em 1964 a Revolução, o Golpe Militar, mudou o interesse pela terra. Começou-se a oferta de emprego nos centros urbanos. O governo começou ampliar as indústrias. Ofereceu ao jovem rural salário naquele tempo, com 50% você sustentava uma família de 5 pessoas, dentro do melhor nível de vida e 50% era investimento. Mas esta euforia durou pouco. O êxodo rural tomou conta dos colonos. Logo se fez sentir o desemprego na cidade e os colonos mais fortes começaram a se explorar com um o outro. O governo bancou sobre os colonos o subsídio bancário acompanhado de assistência. E os colonos mais velhacos, ou espertos, investiram e conseguiram fazer grandes negócios. E a Ascar, Acaresc, a Emater serviram para a coleção do tipo de colonos que eles queriam. Foi uma peneirada: quem não competia se sentia envergonhado de ser colono e vendia a terra. Em 30 anos de 74% que possuíam terra, sobrou 20% e nessa época de êxodo rural, e que os colonos daquela década de 1960, até 1970 perderam a segurança, vendo que os colegas que foram para a cidade gozavam de todos os direitos previdenciários. Começou-se a organização para formar o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, para ter uma frente que reivindicasse os direitos para a agricultura. Quando o governo viu que os colonos começaram a se organizar, adiantou-se a ele mesmo, por meio de seus deputados e representantes, formulou a carta sindical com o nome de STR e assessorou as propostas previdenciárias por eles elaboradas e criou comissões para serem apoiadas e convenceu os colonos. Mas como os colonos nunca tiveram direito algum, aceitaram as propostas na íntegra, conforme o governo as propunha.

As propostas ofereciam assistência médica e odontológica para o arrimo de família e seus descendentes, acidente de trabalho

para os maiores de 14 anos, aposentadoria aos 65 anos para o chefe de família de meio salário mínimo, renda vitalícia para a mulher que enviuvasse - era o valor de 75% do valor que o marido recebia como aposentado.

Os colonos não conhecendo nada de constituição aprovaram e aceitaram tudo que o governo propôs e a partir da data da publicação esse tipo de sindicato ficou atrelado ao governo militar, dando respaldo político até que aconteceu a nova constituinte de 1988. Olhando o procedimento dos colonos e dos que coordenavam o STR, está claro que em nenhum momento a mulher foi valorizada, a não ser na morte do marido.

E, para que acontecesse alguma coisa em favor da mulher, foi necessário que ela se organizasse e fosse a campo. Foi quando começou a Reforma da Igreja. Com a formação de grupo de jovens que se chamava Juventude Agrária Católica. Começou um encontro onde os jovens podiam sentar juntos e discutir seus problemas. As igrejas deixavam de ser madrastas e esqueceram o tradicionalismo, mudou-se a linguagem da proibição, daí começou a parte da libertação da mulher. Só que, como a Igreja não tinha nada a oferecer, a sociedade a escravizou pelo sistema que estava implantando no país (o capitalismo).

Em 1977 a CPT começou um trabalho para atingir diversas camadas da sociedade. Foi aí que entrou o tema mulher. Aos poucos, algumas mulheres começaram participar das Comissões Pastorais: Pastoral da Saúde, Pastoral da Terra, Pastoral Operária. O mais importante que nem um STR precisou fazer algo de extraordinário por elas. Foi o maior papel do STR aceitar as propostas por elas criadas e aprovadas, em concentrações e assembléias em todas as regiões do Estado que se conhece. Foi assim.

Em Palmitos onde eu, Manica, coordenava todos os movimentos populares locais, o das Mulheres foi um dos mais organizados que conquistavam sem que o STR sofresse qualquer alteração. O grande obstáculo para a Sindicalização das Mulheres foram os próprios maridos, por ser de uma só família, diziam que não havia necessidade da mulher se inscrever no STR e sabia também que a visão dos maridos era uma visão que nasceu junto com o STR do Governo de 1964, que acima descrevi. Por isso estou dizendo que as conquistas das mulheres de Palmitos e de todo o país é puramente delas. E não precisavam de esmola de ninguém, a não ser julgadas em Assembléia do STR.

As lideranças da Mulheres de Palmitos são: Lorena Davi, Marili Müller, Pastora Silvia, Anunciata Marcon, Lori Müller, Edel Schneider. Apoio da Igreja Católica, Igreja Evangélica de Confissão Luterana, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Sem Terra, CPT, Crab.<sup>24</sup>

<sup>24</sup> Atual MAB – Movimento dos Atingidos pelas Barragens.